

II Congresso Iberoamericano/III Luso-Brasileiro de Psicologia de la Salud
Actas de II Congresso Iberoamericano/ III Luso-Brasileno de Psicologia de la Salud
Cidade Faro - CIEO - University of Algarve – ISBN 9789892039343 – Ano 2013

O PROCEDIMENTO “SER E FAZER” DE ACOMPANHAMENTO DE
INTERVENÇÕES PSICOTERAPÊUTICAS

Fabiana Follador e Ambrosio

Rafael Aiello-Fernandes

Tânia Aiello-Vaisberg

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo demonstrar a potencialidade heurística do Procedimento “Ser e Fazer” de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas. Trata-se de proposta que se caracteriza como estratégia de operacionalização do método psicanalítico, apresentando-se como alternativa investigativa qualitativa. Justifica-se a partir de perspectiva ética e epistemológica que valoriza busca de transparência, a partir da qual toda e qualquer prática clínica deve ser examinada em termos de seu poder de gerar - ou não - benefícios consistentes.

MÉTODO: A demonstração da potencialidade heurística do Procedimento foi realizada mediante sua utilização para exame de material clínico apresentado independentemente, por outro pesquisador, em uma tese de doutorado. **RESULTADO:** O Procedimento revelou-se sensível a ocorrências clínicas emergentes em diferentes campos transferenciais, permitindo tanto a percepção de movimentos mutativos como de diversas dificuldades. **CONCLUSÃO:** Foi possível demonstrar que o Procedimento em exame é clinicamente útil, na medida em que favorece uma percepção compreensiva e

maximamente próxima do acontecer clínico.

PALAVRAS-CHAVE: pesquisa psicanalítica, avaliação de resultados de intervenções terapêuticas, psicoterapia psicanalítica

Sabemos que as intervenções psicológicas podem apresentar efeitos positivos, contribuindo para a melhoria da saúde emocional das pessoas, mas também podem ser francamente inócuas ou até prejudiciais. Desse modo, acreditamos que estudos voltados à identificação dos efeitos clínicos de psicoterapias assentam-se sobre um imperativo ético, sendo de responsabilidade do pesquisador o favorecimento da interlocução entre os pares e com a sociedade. Esta visão, que compartilhamos com muitos pesquisadores da área da psicologia, tem gerado copiosa produção, da qual podemos ter clara visão se acompanharmos, por exemplo, as atividades da Society for Psychotherapy Research - SPR, só para citarmos uma entre muitas iniciativas importantes.

Entretanto, é bastante interessante notar como se comportam os psicólogos psicanalistas diante da perspectiva de estudo sobre a potencialidade mutativa de suas intervenções. Um certo número de pesquisadores opta por uma cisão epistemológica: psicanálise para tratar o paciente e pesquisa positivista para revelar a eficácia do atendimento. Outros acreditam numa espécie de superioridade deste referencial, cuja eficácia estaria intrinsecamente garantida – embora não sejam claros acerca dos motivos de sua profunda confiança. Um terceiro grupo sustenta que a abordagem científica da experiência psicoterapêutica não é possível – provavelmente por nutrirem uma concepção de ciência não atualizada à luz dos recentes desenvolvimentos, que ocorreram tanto na física como nas ciências humanas. Diversa é a nossa posição, que nos tem impelido a desenvolver estudos sobre mudança psicoterapêutica, no âmbito da psicológica psicanalítica, segundo o cultivo de máxima transparência na apresentação

das estratégias investigativas e dos achados, em busca de rigor científico e coerência epistemológica.

Partindo, portanto, de assunção da necessidade de investigar efeitos clínicos de psicoterapias, bem como da inserção da psicanálise no rol das psicoterapias, elaboramos uma tese de doutorado (Ambrosio, 2013), na qual apresentamos e fundamentamos um procedimento clínico, o “Procedimento ‘Ser e Fazer’ de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas”. Trata-se de proposta que apresenta, como importante diferencial, o fato de fazer uso do método psicanalítico, sem intervir no curso dos atendimentos propriamente ditos¹.

A operacionalização do método psicanalítico na pesquisa qualitativa de benefícios psicoterapêuticos

Entendemos que a investigação qualitativa sobre eficácia clínica de processos psicoterapêuticos é cientificamente rigorosa quando se encontram alinhadas as concepções epistemológica e antropológica, a metodologia utilizada na composição do estudo e as intervenções clínicas que se constituem como objeto de pesquisa. Dessa forma, há necessidade de encontrar ou desenvolver procedimentos avaliativos efetivos e coerentes com tais pressupostos.

Nesta investigação, apresentamos uma metodologia específica, cuja concretização garante a não utilização de procedimentos dissonantes, em relação ao processo psicoterapêutico, para obtenção de material de pesquisa. Dada sua natureza, tal

¹ O presente trabalho se insere num conjunto de pesquisas, iniciadas na década de 1980, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, inscrevendo-se como realização que integra e consolida vários estudos metodológicos. O quadro geral desta produção pode ser conhecido a partir do currículo da professora Livre Docente Tânia Maria José Aiello Vaisberg, na Plataforma *Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/4670585523085617>.

procedimento metodológico pode ser usado na compreensão de distintos momentos durante uma psicoterapia, bem como se mostrar útil para sinalizar movimentos emocionais durante uma única entrevista psicológica. Pode também ser empregada por pesquisadores que não participaram dos encontros clínicos e em situações distantes temporalmente do processo psicoterapêutico. Além disso, presta-se ao estudo de materiais emergentes em entrevistas psicológicas que, desde perspectivas teóricas outras, tais como a análise existencial ou a psicologia humanista, valorizam o acontecer humano sem objetivá-lo.

Compreendemos que o método psicanalítico apresenta anterioridade lógica em relação às teorias e técnicas de tratamento, que, rigorosamente falando, dele derivam. Deste modo, deve ser entendido como elemento invariante de toda *démarche* psicanalítica, esteja focada na obtenção de benefícios clínicos, no dispositivo padrão ou em enquadres diferenciados (Aiello-Vaisberg,2004), ou voltada ao estudo de fenômenos sociais e culturais. Dotado de valiosa potência heurística, este método tem presidido a produção de conhecimento útil na compreensão de diversas manifestações humanas.

Lembramos aqui que, de acordo com Bleger (1963), a psicologia, ao estudar os seres humanos reais e concretos, compartilha seu objeto com todas as ciências humanas. Define-se e diferencia-se das demais disciplinas pelo seu interesse na experiência emocional de indivíduos e coletivos, o que pode ser feito a partir de diferentes abordagens teórico-metodológicas, entre as quais a psicanálise surge como uma importante opção. Seu potencial heurístico é notável quando utilizada de forma dogmática, sob forma de adesão a esta ou aquela escola ou teoria, mas como método que se fundamenta singularmente em pressupostos éticos, segundo os quais não existiriam limites para a compreensibilidade das condutas humanas (Aiello-Vaisberg,1999; Bercherie,1980).

Concordamos com Orange (1995) quando apresenta sua concepção acerca da psicanálise, relacionando-a com o processo de “criação conjunta de sentido”, em variáveis situações: o encontro com uma pessoa, com um grupo, com um fenômeno social ou com uma obra de arte. Assumindo que em todos esses momentos são realizados “rabiscos”, na acepção winnicottiana do termo (Winnicott, 1968), uma vez que se tratam de encontros inter-humanos, podemos compreender o processo psicanalítico como “criação/encontro conjunto de sentidos”.

Defendemos aqui um posicionamento segundo o qual a concretização de investigações sobre a eficácia clínica de intervenções psicoterapêuticas implica no uso de procedimentos avaliativos coerentes com os pressupostos intrínsecos ao método psicanalítico. Choca-se, portanto, tanto com a aplicação de instrumentos desenvolvidos a partir de fundamentação positivista, baseados no esquema sujeito-objeto, quanto com protocolos que visam à obtenção de depoimentos dos participantes/pacientes, onde são consideradas apenas as verbalizações dos próprios usuários acerca dos benefícios do tratamento que realizam. No primeiro caso, a impossibilidade opera pela via da incoerência epistemológica; quanto ao segundo, podemos mencionar que tal requisição pode afetar de maneira perturbadora os pacientes, ao se depararem com o encargo de participar do processo de avaliação do próprio tratamento. Evidentemente, se o vínculo psicoterapeuta-paciente for atingido por procedimentos exteriores aos objetivos estritamente clínicos, o próprio processo psicoterapêutico não permanecerá incólume.

Ao assumirmos que a psicanálise relaciona-se estreitamente ao conhecimento compreensivo acerca de experiências emocionais (Orange, 1995), partimos em busca de estratégia heurística que nos possibilitasse demonstrar a ocorrência de processos indicativos de mudança emocional. Com esta intenção, temos trabalhado, ao longo dos anos, no contexto do estudo de enquadres diferenciados (Aiello-Vaisberg, 2004),

buscando procedimentos clínicos, psicanaliticamente fundamentados, que possam favorecer a percepção de mudanças. Esta elaboração permitiu a sistematização que aqui apresentamos sob a denominação de Procedimento ‘Ser e Fazer’ de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas(Ambrosio,2013).

A realização deste procedimento exige o cumprimento de duas etapas na consideração do material clínico, usualmente registrado sob forma de narrativas, como pede a psicologia concreta (Politzer,1928), que temos aperfeiçoado sob forma de narrativas transferenciais (Aiello-Vaisberg & Machado,2005; Aiello-Vaisberg, Machado, Ayouch, Caron & Beaune,2009):

1. a produção interpretativa de *campos de sentido afetivo-emocional* (Aiello-Vaisberg, 1999, 2007; Aiello-Vaisberg & Machado, 2008), seguida da
2. averiguação de existência de *trânsito* entre campos, como elemento norteador de demonstração de mudanças ocasionadas a partir de processos psicoterapêuticos.

Uma demonstração detalhada e completa do uso do Procedimento ‘Ser e Fazer’ de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas, que recomendamos ao leitor, pode ser encontrada na tese de doutorado (Ambrosio,2013)², onde material oriundo de trabalho independente foi trabalhado de modo claro e instrutivo. A acessibilidade deste material dispensa sua reprodução neste texto. Por outro lado, considerando que o requisito fundamental, para o uso proveitoso deste procedimento, é a compreensão do conceito de *campos de sentido afetivo-emocional*, conforme a temos proposto (Aiello-

² Esta tese de doutorado está integralmente disponível no site www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br.

Vaisberg, 2003a, 2003b, 2005; Aiello-Vaisberg & Machado, 2008), dedicaremos os próximos parágrafos ao estudo desta noção.

Os campos de sentido afetivo-emocional

O conceito de *campos de sentido afetivo-emocional* vem sendo usado no contexto de pesquisas qualitativas com o método psicanalítico, nas quais adotamos uma perspectiva de valorização de teorizações que mantenham máxima proximidade com o acontecer humano, como pede a psicologia concreta, de acordo com Bleger (1963) e Politzer (1928). Esta noção tem contribuído de modo decisivo no delineamento de investigações empíricas sobre variadas questões, gerando publicação de artigos em periódicos satisfatoriamente qualificados (Ávila, Tachibana, & Aiello-Vaisberg, 2008; Couto, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2007; Russo, Couto & Aiello-Vaisberg, 2009; Pontes, Cabreira, Ferreira & Aiello-Vaisberg, 2008; Cabreira, Pontes, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2013; Fialho, Fernandes, Montezi & Aiello-Vaisberg, 2012; Martins & Aiello-Vaisberg, 2009; Barcelos, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2010; Barreto & Aiello-Vaisberg, 2007; 2010).

A perspectiva concreta da psicologia psicanalítica corresponde a um posicionamento que valoriza a dramática do viver humano, rejeitando formulações abstratas. Assim, criticará duramente toda metapsicologia freudiana e, bastante especificamente, a ideia de um inconsciente individual de caráter intrapsíquico. Fica, assim, claro porque a proposta de Bleger (1963), que operacionaliza adequadamente as exigências politzerianas originais, exige o abandono da visão substantivada de

“inconsciente” e a adoção do conceito de “campo psicológico não-consciente”, concebido não mais como espaço mental interno, e sim como ambiente intersubjetivo, ou melhor, inter-humano, emocionalmente percorrido e habitado por indivíduos e grupos.

Bleger (1963) insiste na afirmação de que as condutas³ dos seres humanos não correspondem a simples exteriorizações de qualidades psíquicas individuais, mas a manifestações que emergem a partir de campos psicológicos predominantemente não conscientes, que se constituem a partir das interações e vínculos afetivo-emocionais. Estas, por seu turno, ocorrem sempre em contextos sociais, culturais, geopolíticos e históricos, na medida em que os seres humanos estão sempre no mundo. Nessa perspectiva, o modo psicanalítico de produzir conhecimento consistiria, basicamente, na possibilidade de identificação de campos psicológicos que se configuram como *campos de sentido afetivo-emocional*. A interpretação desses campos permitiria, nesta linha, uma abordagem compreensiva das manifestações do drama humano, que neles emergem, não mais como derivados da psique individual, e sim como produtos dos próprios campos, cuja natureza, vale lembrar, seria intersubjetiva.

Cabe, portanto, insistir em destacar que a perspectiva blegeriana modifica de modo radical o conceito de inconsciente, para fazer jus a uma leitura dialética das contribuições psicanalíticas, segundo uma antropologia que concebe o modo de existir como coexistência vincular, exigindo abandono radical dos chamados mitos do homem natural, isolado e abstrato (Bleger, 1963). Tal coexistência, por outro lado, se insere sempre em contextos mais amplos, em termos das formas de organização social. A personalidade individual não é, nesta perspectiva teórica, negada, mas vista como

³ O conceito blegeriano de conduta não deve ser confundido com o *behavior* da escola americana, do qual difere profundamente. Abrange, na verdade, todas as manifestações humanas, concebidas como expressões da dramática do viver humano, numa linha de pensamento inaugurada por Politzer(1928).

fenômeno socialmente produzido, que emerge a partir de processos complexos. Não existe de modo isolado, separado, mesmo que possa ser assim vivenciada, mas como parte indissociável de tramas intersubjetivas.

Entretanto, se com Bleger (1963) modificamos o vértice a partir do qual nos aproximamos do saber psicanalítico, criticando e recusando a metapsicologia clássica, mas permanecendo fiéis ao objetivo metodológico de produzir conhecimento mediante interpretação de substratos inconscientes das condutas, segundo a consagrada fórmula, somos levados a transformar nossa visão do inconsciente, para concebê-lo de modo plural, como ambientes emocionais que são produzidos pela própria atividade humana. O inconsciente deixa de estar num “dentro” do indivíduo para passar a ser concebido como mundos emocionais nos quais nos instalamos e pelos quais transitamos. Nisso consistem, precisamente, os *campos de sentido afetivo-emocional*, expressão com a qual rebatizamos os campos psicológicos não conscientes de Bleger (1963), para evitar mal-entendidos eventualmente ligados ao adjetivo “psicológico”.

De modo curioso, porém explicável, o conceito de campo veio a ser usado, de modo independente, no continente sul-americano, por Fabio (1979), no contexto de sua preocupação com a busca de superação de adesões psicanalíticas escolásticas, que favorecem pensamentos meramente conservadores e reprodutivos. Apresentando proposições instigantes, organizadas a partir da demonstração do valor heurístico do método psicanalítico, a seu ver o denominador comum e invariante de todas as vertentes psicanalíticas, o autor propõe a construção de uma teorização que se apoia num princípio de natureza intersubjetiva: “Toda relação humana é suportada por um campo” (1997, p. 133), definindo campo como o “...conjunto de determinações inaparentes que dotam de sentido qualquer relação humana” (1979, p. 28). Deste modo, propõe a ideia de campos que corresponderiam a “inconscientes relativos” às interações que suportam.

Como se vê, esta concepção coincide em pontos fundamentais com nossa perspectiva blegeriana, o que, aliás, tem permitido que nos posicionemos, diante da respeitável produção de Herrmann (1979;1988;1997;2002) e seus discípulos, como interlocutores colaborativos (Aiello-Vaisberg e Machado,2008).

Entretanto, é importante tanto destacar a proximidade convergente entre os conceitos de *campos de sentido afetivo-emocional* e de campo ou inconsciente relativo (Herrmann, 1979), como considerar suas diferenças, que provavelmente se devem ao fato destas noções derivarem de distintos projetos intelectuais. Bleger (1963) estava voltado à proposição dialética, ampla e preñe de desdobramentos no campo das ciências humanas, de uma psicologia psicanalítica concreta, segundo uma visão politicamente comprometida. O intento de Herrmann (1979) supunha uma ampliação e aprofundamento da vocação original da psicanálise, que também a projetava de modo decisivo para além do consultório particular. Entretanto, no nosso entender, este segundo autor não chegou a colher todas as consequências de suas elaborações, principalmente por se ter mantido muito ligado à neurose como matriz clínica fundamental.

As diferenças entre as propostas destes dois autores geram consequências relevantes no modo como é concebida a interpretação psicanalítica. Aí reside, aliás, nossa maior discordância em relação a Herrmann, que justifica não nos termos inserido de modo mais presente no movimento da chamada Teoria dos Campos, sob sua liderança. De fato, Herrmann (1979;1988;1997) entende o ato interpretativo como “ruptura de campo”, visando, em última instância, promover mudanças representacionais. De nossa parte, cultivando maior proximidade com a visão blegeriana, que resolve de modo metodologicamente claro a dialética entre o individual

e o coletivo⁴, pensaremos o ato analítico como produção interpretativa de *campos de sentido afetivo-emocional*, pelos quais seria possível transitar quando transformações emocionais e existenciais – e não meramente representacionais - tem lugar. Justificamos nosso pensamento lembrando que a ideia dos campos como ambientes intersubjetivos, produzidos a partir de atos e interações humanas, presta-se melhor a metáforas ligadas a mundos que permanecem relativamente duradouros no tempo, enquanto a imagem da ruptura ainda paga tributo à matriz clínica da neurose, como problema humano passível de ser resolvido em registro puramente psíquico. Conseqüentemente, pensar o processo terapêutico a partir da metáfora do trânsito entre campos surge, a nosso ver, como estratégia promissora.

Como produtos da atividade humana, os *campos de sentido afetivo-emocional* são, eles próprios, condutas, no sentido blegeriano do termo e, como tais, passíveis de transformação. Entretanto, tenderiam a perdurar durante períodos mais ou menos duradouros, na vida das sociedades humanas, sendo interessante notar que campos muito diferentes podem coexistir no mesmo momento histórico, em sociedades complexas.

Para evitar mal-entendidos, insistimos na afirmação de que os campos não são estruturas nem arquétipos prévios à experiência. Não são aqui invocadas instâncias ou forças naturais nem sobrenaturais, de modo que nos mantemos no plano dos atos humanos que, individual e coletivamente, produzem o mundo em que vivemos. Os *campos de sentido afetivo-emocional*, são, portanto, fruto da atividade humana, vale dizer, da dramática do viver, que se tornam, no tempo, fundamento sustentador de outras manifestações humanas.

⁴ As formulações sobre áreas, âmbitos e níveis da conduta são fundamentais para a compreensão da dialética entre o individual e o coletivo no pensamento blegeriano. Este assunto é claramente abordado no livro *Psicologia de la Conduta* (Bleger, 1963).

Criando/encontrando interpretativamente os campos de sentido afetivo-emocional

Como ambientes humanos ou mundos vivenciais, os *campos de sentido afetivo-emocional* apresentam-se sempre segundo uma certa organização, que se faz segundo um conjunto de regras lógico-emocionais – crenças, ideias, sentimentos, pensamentos, valores. Tais regras são predominantemente não conscientes, o que não surpreende uma vez que a consciência só abarca uma reduzida porção da experiência vivida, sempre transbordante em relação às nossas capacidades de entendimento e compreensão.

Entretanto, cabe aqui abrir uma importante discussão. Se, por um lado, os campos são produto da atividade dos seres humanos, o que deixa claro seu estatuto ontológico, devemos lembrar que nunca são objetivamente identificáveis, na medida em que nunca deixamos de estar, como pesquisadores, participando do acontecer humano que investigamos. Quando Politzer (1928) proclamou que com o advento da psicanálise finalmente se inaugurava a possibilidade de uma ciência da primeira pessoa, também deixou indicações de que não temos outro remédio, se queremos produzir conhecimento sobre o humano, que não seja assumir a primeira pessoa do plural, o “nós”, que preside a intersubjetividade.

Assim, se os campos são manifestações da dramática humana, de caráter intrinsecamente intersubjetivo, que não podem ser acessados desde um “fora” absoluto, o único pronunciamento possível sobre eles será interpretativo. Os campos não são “dados” que podem ser coletados pelo pesquisador, mas fenômenos que podem ser “criados/encontrados” (Winnicott,1971), ou seja, produções interpretativas que tanto

correspondem à atividade sensível e intelectual do pesquisador (que os cria), como a fenômenos que verdadeiramente tem lugar no espaço emocional intersubjetivo (que o pesquisador encontra). Estamos, evidentemente, diante de um paradoxo, que, como outros, referidos na obra winnicottiana, não podem ser resolvidos, mas devem ser tolerados. Sendo assim, podemos entender que a matéria prima com que trabalhamos, na pesquisa qualitativa com o método psicanalítico, é proveniente das impressões subjetivas – mas não arbitrárias - que brotam do encontro do pesquisador com o fenômeno.

Sendo o substrato afetivo-emocional do acontecer humano, os campos podem ser figurados como “regiões” habitadas em determinados momentos. Vale notar que estamos usando uma metáfora diversa da espacialidade do aparelho psíquico freudiano, local percorrido por energia impessoais, na medida em que pensamos em espaços humanizados. Deste modo, realizamos uma abordagem compreensiva da dramática do viver, ao considerar a existência de uma infinidade de mundos possíveis sendo povoados, alguns com mais permanência que outros. Poderíamos mesmo imaginar que, ao defrontar-se com certo fenômeno, uma pessoa entraria instantaneamente em uma região, uma sala, por exemplo, deparando-se com o mobiliário, com as cores e textura das paredes, a atmosfera, os cheiros e com as possibilidades que estas condições, que estas “regras”, podem gerar. Cada campo seria uma sala, com seus princípios e funções próprias. Do mesmo modo que acontece na vida cotidiana, cada pessoa habita muitos lugares – ou está somente “de passagem” por eles; alguns se interconectam, outros são vividos apenas esporadicamente, outros ainda são tão permanentes que poderíamos imaginá-los como sendo um edifício repleto das salas que visitamos.

Para que possamos chegar a “criar/encontrar” *campos de sentido afetivo emocional*, dirigimo-nos ao encontro das comunicações emocionais com uma levíssima

bagagem de mão, com um mínimo de crenças e pressupostos. Até mesmo as teorias que nos são mais caras –como a teoria winnicottiana do amadurecimento emocional – devem ser colocadas em suspensão, se quisermos ser fiéis ao método psicanalítico.

A “criação/encontro” dos campos, além de propiciar e destacar a constelação de sentidos possíveis das condutas, deve ser usada como norteadora das intervenções do psicoterapeuta, sem lhe exigir adesão específica a esta ou aquela teoria estabelecida, colocando-o, de fato, como um produtor de teorias, ainda que tenham caráter e utilidade local, como bem enfatizou Herrmann (1979). Do mesmo modo, as supervisões de material clínico fundamentadas no estilo clínico ‘Ser e Fazer’ buscam a criação interpretativa dos possíveis campos, o que se revela útil tanto no intercâmbio entre clínicos experimentados, como na formação dos iniciantes.

Movemo-nos, portanto, num panorama epistemológico peculiar, onde o método, concretizado pela postura livremente atenta do psicanalista/pesquisador no encontro inter-humano, deixando que múltiplos sentidos surjam, indica que a transferência alcança valor metodológico (Herrmann, 1979;1988), precisamente porque uma nova visão do inconsciente está em jogo.

Verificando a existência de trânsito entre campos de sentido afetivo-emocional

Na fundamentação do Procedimento ‘Ser e Fazer’ de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas, partimos da consideração de que o uso do método psicanalítico torna factível a percepção de mudança psicológica acarretada por psicoterapias.

Evidentemente, cada linha teórica conceitua tais mudanças à sua moda, coerentemente com seu escopo teórico. No próprio campo psicanalítico, diferentes

vertentes teóricas competem entre si, no modo como descrevem e se referem ao que é produzido pelo encontro entre paciente e terapeuta. No nosso caso, temos trabalhado com a ideia de que a transformação pessoal, ensejada pela psicoterapia, deve ser compreendida como possibilidade de maior integração pessoal, superação de dissociações e realização de gestualidade espontânea, transformadora de si mesmo e do mundo, em harmonia com a teoria winnicottiana do amadurecimento emocional. Contudo, o procedimento investigativo de que aqui nos ocupamos não exige adesão ou adoção de D. W. Winnicott como interlocutor privilegiado, podendo ser utilizado por psicanalistas que adotam outras perspectivas teóricas.

Uma vez que o método psicanalítico tem primazia sobre as teorias e técnicas, pois é dele que estas lógica e praticamente derivam, exige que conservemos um posicionamento de máxima proximidade ao acontecer inter-humano, mantendo-nos atentamente livres para criarmos/encontrarmos os sentidos possíveis. Dessa forma, as teorias psicanalíticas podem auxiliar-nos no aprofundamento da compreensão do sentido do movimento emocional comunicado, mas não presidem a produção interpretativa.

A segunda etapa que compõe o Procedimento ‘Ser e Fazer’ de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas consiste na averiguação da ocorrência de *trânsito* entre os campos de sentido afetivo-emocional. Neste momento, o pesquisador abre mão de conhecimento teórico, das perspectivas com que dialoga, para ater-se à sucessão eventualmente presente. Neste momento, o desapego fenomenológico, demandado pelo método psicanalítico, é crucial.

A seguir, para apreciar o sentido do movimento, quando este se revela, deverá retornar às suas bases teóricas, que são aquelas que lhe permitirão compreender se a mudança ocorrida tem caráter defensivo e conservador ou, ao contrário, corresponde a

uma transformação significativa. Este trabalho se faz, portanto, na medida em que buscamos evidenciar quais são os “lugares” percorridos pelos participantes/pacientes. Consideramos esse segundo momento, de averiguação de existência de trânsito entre campos, como o norteador de demonstração de mudanças em psicoterapias.

Acreditamos que o Procedimento ‘Ser e Fazer’ de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas, abordado no presente trabalho, carrega consigo virtudes fundamentais quando se espera que a psicoterapia seja útil ao paciente, que aproveitará dos benefícios dela decorrentes, enquanto gera importante material de pesquisa, sem alterar o curso da intervenção via inserção de todos e qualquer elemento estranho ao campo transferencial.

Além disso, destacamos que o procedimento ora apresentado é estratégia investigativa valorosa porque também proporciona a compreensão de momentos distintos de uma psicoterapia, ou movimentos emocionais durante uma única consulta psicológica, podendo ser empregado por pesquisadores/psicanalistas que participaram ou não dos encontros clínicos, em processos terminados ou em andamento. Lembramos aqui, por oportuno, que quando o pesquisador participou diretamente do acontecer clínico, estabeleceu, integrou, forçosamente, o campo transferencial, mas que, por outro lado, quando lidamos com material oriundo de atendimentos realizados por terceiros, não deixamos de vivenciar impactos contratransferenciais.

Por fim, esperamos, com a apresentação do Procedimento ‘Ser e Fazer’ de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas, contribuir para o delineamento metodológico de pesquisas psicanalíticas e para o incremento da discussão acerca dos benefícios clínicos que as psicoterapias psicanalíticas podem gerar.

Referências Bibliográficas

- Aiello-Vaisberg, T.M.J. (1999). Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia. *Tese de Livre Docência*. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2003a). Da Questão do Método à Busca do Rigor: a abordagem clínica e a produção de conhecimento na pesquisa psicanalítica. In Aiello-Vaisberg, T.; Ambrosio, F.F. (orgs.). *Cadernos Ser e Fazer: Apresentação e materialidade*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003. p. 36-43.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2003b). Ser e Fazer: Intervenção e interpretação na clínica winnicottiana. *Psicologia - USP*, 14 (1), p.95-128, 2003.
- Aiello-Vaisberg T.M.J. (2004). *Ser e Fazer: Enquadres Diferenciados na Clínica Winnicottiana*. São Paulo: Ideias e Letras.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2005). Consultas Terapêuticas Coletivas e Abordagem Psicanalítica do Imaginário Social. In: Aiello-Vaisberg, T.; Ambrosio, F.F. (orgs.). *Cadernos Ser e Fazer: reflexões éticas na clínica contemporânea*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2005. p. 27-44.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2007). Évaluatins dês Effets de L'Art-Thérapie Winnicottiene. In Forrestier, R. Lévaluation en Art-Thérapie – Pratiques Internationales. Issy-Les Molineaux, Ed. Elsevier Masson, 2007.
- Aiello-Vaisberg IEL, T.M.J. & Machado, M.C.L. (2005). Narrativas: O Gesto do Sonhador Brincante. Anais do Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise. São Paulo, 4. São Paulo: Estados Gerais da Psicanálise.

- Aiello-Vaisberg, T.M.J. & Machado, M.C.L. (2008). Pesquisa Psicanalítica de Imaginários Coletivos à Luz da Teoria dos Campos. In: Monzani, J.; Monzani, L.R.. (orgs.) *Olhar: Fabio Herrmann - uma viagem psicanalítica*. São Carlos: Ed. Pedro e Joao Ediores/CECH - UFSCar, 2008, p. 311-324.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J., Machado, M.C.L., Ayouche, T., Caron, R. & Beuane, D. (2009). Les Récits Transferenciels comme Présentation du Vécu Clinique: Une Proposition Méthodologique. In D.Beaune (org) *Psychanalyse, Philosophie et Art: Dialogues* (pp.39-52). Paris: L'Harmattan.
- Ambrosio, F. F. (2013). *O estilo clínico 'Ser e Fazer' na investigação de benefícios clínicos de psicoterapias*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. 114p.
- Ávila, C. F.; Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2008). Qual é o lugar do aluno com deficiência?. *Paidéia*, 18 (39), 155-164.
- Barcelos, T.F.; Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2010). A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescents, *Psicologia Teoria e Prática* 12 (1), 85-96.
- Barreto, M.A.M & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2007). Escolha Profissional e Dramática do Viver adolescente. *Psicologia e Sociedade*, 19(1), 107-114.
- Barreto, M.A.M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2010). O tornar-se adulto no imaginário coletivo de adolescents interioranos. *Psicologia em Revista* 16 (2), 310-329.
- Bleger, J. (1958). *Psicoanalysis y materialismo dialético*. Buenos Aires, Nueva Vision, 1988.
- Bleger, J. (1963). *Psicologia de la conducta*. Buenos Aires, Paidós, 1977.
- Bercherie, P. (1980). *Histoire et Structure du Savoir Psychiatrique*. Belgique, Navarin.
- Couto, T.H.A.M.; Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2007). A mãe, o filho e a

Síndrome de Down. *Paidéia*,17(37),265-272.

Cabreira, , J.C.; Pontes, M.L.S.; Tachibana, M.& Aiello-Vaisberg T.M.J. (2005). O imaginário coletivo de adolescentes sobre a adolescência no mundo atual. Trabalho apresentado na *I Jornada de Psicanálise e Fenomenologia*, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Recuperado em 26/04/2013 <http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2012/10/Texto-I-Jornada-Psicanalise-e-Fenomenologia.pdf>

Fialho, A. A.; Aiello-Fernandes, R., Montezi, A.V. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2012) . O imaginário coletivo de estudantes sobre a África: um estudo preliminar. In *Proceedings of the 1st. Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros Anais do Primeiro Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros*, 2012, São Paulo (SP) [online]. 2012 [cited 28 April 2013]. Available<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000132012000100002&lng=en&nrm=iso> .

Herrmann, F. (1979). *O Método da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

Herrmann, F. (1988). Interpretação: a invariância do método nas várias teorias e práticas clínicas. In Figueira, S. A. (org.) *Interpretação: sobre o método da psicanálise*. RJ: Editora Imago, 1989. pp. 13.

Herrmann, F. (1997). *Psicanálise do Cotidiano*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Herrmann, F. (2002). Introdução. O momento da Teoria dos Campos na Psicanálise. In Barone, L. M. C. (org.) *O psicanalista : hoje e amanhã. O II encontro psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito*. SP: Casa do Psicólogo, 2002. pp. 11-24.

- Orange, D. M. (1995). *Emotional Understanding: studies in psychoanalytic epistemology*. New York: Guilford Press.
- Politzer, G. (1928). *Crítica de los fundamentos de la psicología*. Paris, PUF, 2003.
- Martins, P.C.R.& Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2009). Dificuldades Sexuais Masculinas e Imaginário Coletivo de Universitários: Um Estudo Psicanalítico. *Barbaroi*, 31 (2), 18-35.
- Pontes, M.L.S.; Cabreira, J.C.; Ferreira, M.C.& Aiello-Vaisberg, T.M.J.(2008). Adoção e exclusão insidiosa: o imaginário de professores sobre a criança adotiva. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 495-502.
- Russo, R. C. T.; Couto, T. H.A.M.& Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2009). O imaginário coletivo de estudantes de Educação Física sobre pessoas com deficiência. *Psicologia & Sociedade*, 21 (2), 250-255.
- Winnicott, D.W. (1945). Desenvolvimento Emocional Primitivo. In Winnicott, D.W. *Textos Seleccionados Da Pediatria à Psicanálise*. (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p. 269-285.
- Winnicott, D.W. (1968). O jogo do rabisco. In Winnicott, C., Shepherd, R.; Davis, M. (orgs.) *Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott*. (J.O.A. Abreu, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994. p.230-243.
- Winnicott, D.W. (1971). *O brincar e a realidade*. (J.O.A. Abreu & V. Nobre, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

